

UMA LEITURA DO EPISÓDIO/ROMANCE DE SARAMAGO SOB A PERSPECTIVA DOS ATOS DE FINGIR

Jéssica Rodrigues Souza (UESB) ¹

Valéria Lessa Mota (UESB) ²

RESUMO: Trata-se da leitura de um episódio da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. O que se objetiva é discutir a construção da dimensão ficcional, observando seu sentido geral no romance/episódio. Como embasamentos, o trabalho contém os pressupostos teóricos de Wolfgang Iser (2002), Confortin & Reales (2008) e Eco (1994). A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico, isto é, parte das leituras realizadas dos atos de fingir: seleção, combinação, desnudamento da ficcionalidade e “como se”, bem como das categorias dos planos da História e Discurso e dos Protocolos Ficcionalis. Assim, ao considerar a leitura e toda a fundamentação teórica que será utilizada nesse trabalho, acredita-se em possibilidades de leituras, essas que não se encerram na construção do referido objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio sobre a cegueira; Episódio; José Saramago; Dimensão ficcional; Atos de fingir;

ABSTRACT: This is the reading of an episode of José Saramago's *Essay on Blindness*. What is objectified is to discuss the construction of the fictional dimension, noting its general meaning in the novel / episode mentioned above. As a base, the work contains the theoretical assumptions of Wolfgang Iser (2002) and Confortin and Reales (2008) and Eco (1994). The methodology used is a bibliographical one, that is to say, part of the readings made of the acts of pretending: selection, combination, stripping of fictionality and "as if", as well as of the categories of the plans of History and Discourse and the fictional Protocols. Thus, when considering the reading and all the theoretical basis that will be used in this work, we believe in reading possibilities, which do not end in the construction of said object of study.

KEYWORDS: Blindness essay; Episode; José Saramago; Fictional dimension; Acts of pretending;

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresentará uma análise de um episódio do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995, p. 137-148), de José Saramago. Uma análise que tem por objetivo discutir a construção da dimensão ficcional, observando o sentido geral da ficcionalidade no romance/episódio supracitado.

¹ Graduada do curso Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; jessicaaleluia20@gmail.com

² Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2002). Atualmente é coordenadora do Colegiado de Letras e professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem formação na área de Letras e experiência com o ensino e a pesquisa em Literatura Brasileira, particularmente com os seguintes temas: leitura, literatura brasileira, particularmente a baiana, estudo da relação literatura e cidade, crítica literária, com estudos das obras de Castro Alves e Ruy espinhaireira filho; valeria.lessa.mota@hotmail.com

A metodologia de trabalho adotada será de cunho bibliográfico, ou seja, serão utilizados os pressupostos teóricos de Iser (2002) referentes à seleção, combinação, “como se” e “desnudamento da ficcionalidade”, as categorias do plano da História e do Discurso de Confortin & Reales (2008), bem como os protocolos ficcionais de Eco (1994), dentre tanto outros.

Com relação à análise, essa foi feita, tendo em vista, os atos de fingir propostos por Wolfgang Iser (2002). Inicialmente foi utilizado o ato de fingir da seleção, visto que o mesmo é responsável por selecionar os elementos da história (personagens, espaço, tempo, etc). Em seguida, a combinação, essa que pode ser verificada pelos elementos constituintes do Discurso, tais como perspectiva narrativa ou foco narrativo, narrador, estratégia narrativa, tempo do discurso e composição. Por fim, o “como se” e o desnudamento da ficcionalidade que serão analisados a partir da composição alegórica presente no episódio/romance.

Assim, ao propor tal análise, acredita-se em possibilidades de leituras, essas que não se encerram na construção do referido objeto de estudo, mas sim, possibilitará ao futuro(a) graduando(a) que possa desenvolver sua própria linha de pesquisa científica, contribuindo desse modo, para que ele(a) seja atuante tanto no mundo acadêmico, como também fora do âmbito institucional.

1 ANÁLISE DO EPISÓDIO/ ROMANCE DE SARAMAGO

O episódio a ser analisado faz parte do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Um romance que aborda acerca de um súbito mal branco e de como as autoridades governamentais, receosas que fosse uma epidemia, decidiram remanejar os infectados para um manicômio, deixando esses cidadãos em quarentena e afastando-os do mundo dito civilizado.

O referido episódio tratará do momento em que a comida começou a ser utilizada como instrumento de poder, mostrando que o alimento torna-se propriedade privada e ferramenta de lucro.

Para realizar a análise do referido episódio/romance serão utilizados os conceitos propostos por Wolfgang Iser (2002), ou seja, os “atos de fingir” da seleção, da combinação e do “como se” e do “desnudamento da ficcionalidade” em conjunto com os demais referenciais teóricos que constituíram o trabalho.

Segundo Iser (2002, p.960) “[...] cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo[...] Como esta forma não está dada de antemão pelo mundo a que o autor se refere, para que se imponha é preciso[...] decompôr. Daí resulta a seleção[...]”. A seleção seria

um ato de fingir responsável por selecionar os elementos da história, sendo alguns destes: personagens, espaço e tempo.

Conforme Confortin & Reales (2008, p. 18), “o *personagem* é um importante elemento da narrativa, pois ele é quem vivencia os fatos narrados, e em torno do qual, muitas vezes, organiza-se a economia narrativa [...]”. No episódio do romance de José Saramago (1995, p. 137-148), que versa sobre o momento em que a comida começou a ser utilizada como instrumento de poder, têm-se como personagens principais, o grupo de cegos da terceira camarata e seu líder (o chefe), como também os cegos da primeira camarata, e dentro desse núcleo têm-se: o primeiro cego, o médico, a esposa do médico e o velho da venda preta.

O grupo de cegos da terceira camarata são os últimos a chegar no antigo manicômio. Por conta disso, puderam presenciar fora do referido espaço toda a realidade existente nas ruas. Tal grupo foi retirado de um contexto em que predominava a violência armada, a falta de segurança, bem como a falta de esperança. Sendo assim, os intitulados cegos malvados levaram para dentro do hospício toda essa realidade que vivenciaram nas ruas. Um grupo que chegou ao ponto de se apropriar da comida, fixando uma nova política de funcionamento interno, de que para comer era necessário pagar pelo alimento consumido.

Nesse sentido, a cegueira apresentada no romance de Saramago pode significar a perda de valores éticos e morais. Além disso, a cegueira possui um caráter metafórico, adquirindo no contexto do romance uma face dúplice, visto que associada a cegueira convencional, há também a ficcional que é nomeada de “cegueira branca”. A cegueira branca é associada a falta de consciência, bem como de ação frente às problemáticas sociais. Contudo, ambas as cegueiras supracitadas são fisiológicas, porque não permitem que os órgãos visuais exerçam sua função primordial de enxergar o mundo ao seu redor.

Ainda, cabe mencionar, que o espaço do antigo manicômio para o qual esses cegos malvados foram levados, encontra-se dividido em camaratas. As camaratas são uma espécie de celas ou quartos que abrigam/ aprisionam as pessoas acometidas pelo “mal branco”.

Tendo em vista a obra *A Divina Comédia* (1979) de Dante Alighieri, as camaratas poderiam ser comparadas aos estágios que dividem o inferno. A primeira camarata, situada à direita, estaria mais próxima da saída. Já a dos cegos malvados estaria no fim da ala esquerda, terceira camarata, um lugar escuro, frio e sem saída.

Os grupos dessas camaratas são projetados da seguinte maneira: os cegos da primeira camarata são figurados como pessoas que não possuem mais o direito de posse da comida. Dentre esses cegos, temos o primeiro cego, um indivíduo que sofreu mais ao ter seu carro

roubado do que com a perda da visão. O médico, um ser pesquisador, que busca formular hipóteses, pensar em possíveis soluções, mas que não sabe reconhecer o que está por detrás do íntimo de cada ser humano. A esposa do médico, figurada como uma mulher solidária e companheira, é uma figura que mesmo não estando cega, foi capaz de fingir uma cegueira para não deixar seu marido sozinho e abandonado em um lugar qualquer.

Por sua vez, o velho da venda preta é figurado como um ser que por estar numa condição de velhice, possui mais sabedoria. Essa sabedoria, que, associada a uma venda preta carregada de significação, por também representar uma cegueira, que acaba resguardando o personagem de julgamentos baseados nos aspectos morais e no critério da aparência.

A venda tapa um vazio em seu rosto, que foi deixado pela perda de um olho e o outro que lhe resta é acometido pela catarata, desse modo, o velho da venda preta está fechado ao mundo corrompido pelas máscaras sociais, e apesar de ser vítima da cegueira branca, conserva consciência sobre o horror a que ele e os demais cegos estão submetidos, bem como seu apego por bens materiais (rádio).

Já o grupo de cegos da terceira camarata é caracterizado como detentores da propriedade, ou seja, aqueles que se intitulam com o direito de posse da comida. O líder(chefe) é figurado como um típico homem de negócios, que obtinha os lucros das demais camaratas por meio de taxas de pagamento sob a comida. Uma personalidade que necessitava de aliados, e para isto, utilizava da força para mostrar quem estava no comando.

Os acontecimentos que envolvem os personagens supracitados acima ocorrem em um espaço. De acordo com Confortin & Reales (2008, p.47) o espaço é definido como “[...]lugar onde se passa a *ação*, por isso é uma das categorias mais importantes de uma narrativa”. No episódio do romance de Saramago, os fatos acontecem como já foi mencionado, em um antigo manicômio.

Conforme Andrade (2008, p. 48) por manicômio entende-se um local destinado a isolar as pessoas consideradas “loucas”. Contudo, o referido autor informa também que esse espaço um dia foi reservado aos leprosos até o fim da Idade Média, e no século XVI foi utilizado para o confinamento de indivíduos que eram portadores de doenças venéreas.

Além disso, cabe salientar de acordo com Francisquini (2007), que o mundo vivenciado nos manicômios era constituído pela solidão, abandono e morte do tempo, e conseqüentemente, do próprio indivíduo como ser humano, pois a única visão dos internos após vários anos aprisionados era dos muros altos que constituía o referido espaço.

A projeção desse mundo é observada no episódio do romance de Saramago, pois os personagens, que de forma repentina ficaram cegos, foram retirados de um contexto dito civilizado e inseridos à margem da sociedade pelas autoridades governamentais, ou seja, foram isolados do restante da humanidade e postos em quarentena justamente em um manicômio.

Nesse sentido, de acordo com Silva (2011, p. 41) para se compreender a natureza da sociedade relatada no romance de Saramago, seguindo a diretriz de Jameson acerca da importância de historicizar, torna-se necessário compreender a transformação sofrida pelo mundo ocidental.

Segundo essa autora (2011), a transformação sofrida pelo mundo ocidental é resultante de um permanente processo pelo qual passou e vem passando o ocidente de maneira mais incisiva que no oriente, ao longo dos séculos, este denominado de desencantamento do mundo.

Silva (2011, p.43-44) afirma que entender o desencantamento do mundo seria compreender a formação de uma maneira de ser e de pensar ocidental, tal qual a que temos hoje. Isto se deve ao fato de que apenas na civilização ocidental surgiram fenômenos culturais dotados de um desenvolvimento universal em seu valor e significado. Um desses fenômenos culturais seria a maneira peculiar de ler o mundo, que se relaciona à sua concepção de História. Sendo assim, o indivíduo moderno e ocidental se vê como integrante de uma História Universal em curso, importando-lhe apenas o período no qual se insere o caráter imediato de suas implicações.

Na concepção de Silva (2011), no romance de Saramago, temos uma sociedade ocidental já em grande parte e há bastante tempo desencantada e automatizada. Tal romance encontra-se inserido, segundo a autora (2011), nos moldes capitalistas em estágio bastante avançado no que diz respeito a contemporaneidade. Tal estágio pode ser observado pelos sinais de progresso, ou seja, pelos ícones de modernidade que são evidenciados na obra de Saramago.

Assim, considerando o próprio manicômio, os meios de transportes e de comunicações observados no romance, tais como o automóvel e rádio, foi possível situar a narrativa para um contexto histórico do século XX.

Conforme Francisquini (2007) nas primeiras décadas do século XX, os manicômios eram concebidos como agências de segregação e institucionalização. Uma caracterização que resultou num empobrecimento afetivo tão grande, que os internos acabavam nesses estabelecimentos sentindo-se como meros objetos e coisas, e crendo que nada naquele local fosse realmente de sua propriedade. Na verdade, acreditavam que tudo pertencia uma empresa, inclusive as pessoas que estavam internadas.

No episódio selecionado, verifica-se que essa crença que tudo é pertencente a uma empresa, acaba sendo comprovada, pois o líder dos cegos da terceira camarata, como forma de manter o bom funcionamento, semelhante ao de uma empresa, começou a colocar preço na comida e a fazer com que os cegos da primeira camarata acreditassem no discurso que o referido alimento não era seu por direito e sim era vendável, pois para obtê-lo teriam de pagar.

No que se refere aos meios de transportes, Melo (2008, p. 188-189) acredita que a influência e impacto de novas invenções, tornaram-se uma das características marcantes do rápido conjunto de mudanças que foram provenientes do século XX. Essas notadamente verificadas na Europa e Estados Unidos com o surgimento do automóvel.

Para Melo (2008, p. 195) o automóvel invadiu as ruas no local que antes os pedestres passavam a passos lentos. Segundo esse autor (2008), o referido veículo seria o novo rei, provocando susto com seu barulho e na mesma proporção, causaria fascínio nos indivíduos, a ponto de tais pessoas irem às lojas para poder comprar esses veículos. Assim, o autor considera (2008, p. 200) que o mundo de quatro rodas que desembarcava de forma definitiva acabou inaugurando a era do automóvel.

No romance de Saramago, pode ser verificado que a figura do automóvel é apresentada por meio do primeiro cego, que antes de parar no espaço do antigo manicômio, foi mostrado no início do primeiro capítulo, ao volante, numa típica cena de trânsito, esperando o sinal abrir para poder seguir seu trajeto.

Ainda, pode ser observado, que com a chegada do velho da venda preta ao espaço do antigo manicômio, houve a introdução do aparelho de rádio. Conforme Andrade (2008) o rádio, fazendo parte dos meios de comunicação, dá acesso à informação, mas principalmente desenvolve a capacidade de criar imagens e de estabelecer laços afetivos.

Por meio desse aparelho de rádio, os cegos da primeira camarata obtiveram informações sobre as pessoas que estavam fora do manicômio, bem como puderam discutir a respeito das atitudes impensadas do líder político que estava com o poder em mãos.

Conforme Angelim, Oliveira, Steinbrenner, Trindade e Viana (2013, p. 6) o rádio foi considerado um veículo elitista, visto que era financiado por sócios que acabavam por ditar o que deveriam ser ouvido nas programações radiofônicas.

Uma realidade que não deixa de ser atual, pois, para Meneguel (s/d, p. 25), até hoje pessoas ou grupos que são donas de emissoras de rádio, contam com aliados para difundir suas ideologias. Tais proprietários, geralmente, sendo pertencentes a grupos econômicos expressivos

da sociedade, acabam ocupando cargos de destaque na política ou exercendo poder de influência, que na maioria das vezes é utilizado em benefício próprio.

Também não pode deixar de ser mencionado que o custo de se ter um aparelho de rádio antigamente era considerado muito caro. No entanto, com a crescente popularização, os aparelhos receptores ficaram bem mais baratos. Segundo Angelim, Oliveira, Steinbrenner, Trindade e Viana (2013, p. 7) com a popularização desse veículo, não tardou para que as programações fossem ampliadas e os programas radiofônicos, dentre eles, os de auditório, os humorísticos, os radiojornais e as radionovelas atingissem um grande público ouvinte.

Portanto, Meneguel (s/d, p.25) afirma que os rádios até hoje continua a ocupar seu lugar de destaque, sendo esse indispensável, visto que encontra-se presente nas casas, nas ruas e nos bares, ou seja, no cotidiano da vida das pessoas.

Um escritor ao produzir uma história não se restringe somente em selecionar os elementos que farão parte de sua narrativa literária, mas sim no momento da escrita, realiza a combinação de tais elementos. Segundo Iser (2002, p. 965), a combinação acaba criando relacionamentos intratextuais, e esses relacionamentos, por sua vez, sendo produtos do ato de fingir se revelam como intencionalidade. Uma combinação que pode ser observada por meio dos elementos textuais pertencentes ao Discurso, sendo alguns destes: perspectiva narrativa ou foco narrativo, narrador, estratégia narrativa, tempo do discurso e composição.

Para Confortin & Reales (2008, p. 69), o foco narrativo deve ser observado “[...]na sua capacidade de provocar[...] pluralidade de perspectivas[...]”. Na obra de Saramago, devido essa pluralidade de perspectivas, o foco narrativo é considerado de difícil análise e praticamente impossível de ser classificado, visto que o narrador se coloca na pessoa de quem for necessário para poder atender aos propósitos em mente, assim como utiliza sua onisciência ou a impossibilita de ser utilizada para criar a expectativa pretendida ou oferecer a informação escondida às personagens. Dessa maneira, o mais plausível é considerar que o narrador conta uma história conforme os efeitos que pretende produzir.

Ainda no referido romance, ao caracterizar os personagens como “cegos”, o narrador evidencia que o fio condutor da narrativa é a cegueira. Uma cegueira que possui também caráter metafórico como já foi mencionado, visto que além da convencional, tem-se a ficcional, ou seja, a intitulada “cegueira branca”.

A referida “cegueira branca” vai desmontando todo o aparato social a que esses sujeitos foram submetidos fora do espaço do antigo manicômio, e os inserem em outro, ou seja, no

espaço desse referido manicômio. Um lugar no qual as aparências se tornam desnecessárias, visto que todos encontram-se na mesma condição de cegos.

Nesse romance, a cegueira representa a origem de todos os conflitos e ações das personagens, perpassando por todos os acontecimentos que tais figuras vivenciaram na trama. Um desses acontecimentos que foi evidenciado no episódio selecionado (1995, p. 137-148), por exemplo, refere-se ao momento em que um dos cegos da primeira camarata e a esposa do médico manifestam suas opiniões acerca da situação degradante de impor taxas de pagamento sob a comida.

O referido cego considera um absurdo ter que pagar para adquirir o direito de posse sob a comida, chegando a afirmar que isto é “[...]Uma vergonha, cegos contra cegos[...]” (SARAMAGO, 1995, p. 138). Por sua vez, a esposa do médico afirma que os cegos não têm alternativa, falando que a regra foi bastante clara: “[...] quem não quiser pagar, que não pague, está no seu direito, mas nesse caso não comerá[...]” (SARAMAGO, 1995, p.141).

Ainda, pode ser observado no romance que o narrador está expresso tanto em primeira como em terceira pessoa, sendo classificado, portanto, como homodiegético, visto que conta o que sabe e ao mesmo tempo observa o que está acontecendo ao seu redor. No episódio, isto pode ser verificado quando os três cegos da primeira camarata contam que foram impedidos de trazer a comida e logo depois eles próprios observam no ambiente a revolta e os discursos de indignação por parte de seus companheiros acerca da situação degradante da comida.

Como em toda narrativa literária, no romance de Saramago, também há a utilização de procedimentos estratégicos na construção de seu texto escrito. De acordo com Confortin & Reales (2008, p. 87) “[...]as estratégias escriturais, quando suficientemente pensadas e definidas, podem garantir à obra importantes efeitos [...]”.

No romance, ao observar o modo como a história é contada, verifica-se que esse se realiza por meio de diálogos. Nesses diálogos não há marca de pontuação do travessão, geralmente a linguagem é mais oral, e ao invés do ponto final, o autor inova utilizando a vírgula. Tal modo de contar é constituído por um tempo do discurso. De acordo com Confortin & Reales (2008, p. 63), “[...]o tempo do discurso remete à própria interação dos modos em que a linguagem é conduzida no discurso narrativo e à relação dinâmica dessa formalização com o ato da leitura”.

No romance, através do modo de contar, o narrador acaba trazendo à tona a voz modulada e experiente de um contador de história, que parece ensinar àqueles que a ouvem, sendo assim, não é possível entender a história sem que seja evidenciada essa voz. Uma voz que

se constituiu por modulações, pausas próprias e que guia o leitor na construção de sentidos acerca da criação literária.

Nessa perspectiva, por meio do tempo do discurso, torna-se possível interferir no curso dos diálogos que são estabelecidos entre personagens. Sendo assim, no episódio, observa-se que a cena que envolve os três cegos da primeira camarata não chega a duas páginas, e sim no máximo a uma página e meia. Enquanto na parte em que um pequeno grupo da primeira camarata vai tentar reivindicar o direito de posse sob a comida, o tempo de duração já é maior, visto que ocupa duas páginas e meia narrando como os fatos se sucederam naquela exata ocasião. Além disso, cabe salientar, que nesses diálogos os personagens logo se presentificam, visto que são postos em ação (drama).

Os personagens não possuem nomes, e sim são distinguidos por algum traço físico ou por algum um acessório, como também por características profissionais ou de relação ou de parentesco: médico, mulher do médico, ajudante de farmácia, primeiro cego e o velho da venda preta. Tais caracterizações indicam a perda de identidade, mas também serve para evidenciar que todos encontram-se na mesma situação, ou seja, vitimados por uma cegueira branca.

Dentre os personagens que foram supracitados acima, observa-se que o velho, por utilizar uma venda preta em um dos seus olhos, acaba carregando consigo um símbolo dotado de significações. A venda preta representa também uma cegueira como já foi mencionada, visto que resguarda o referido personagem de julgamentos baseados no aspecto moral e na aparência.

Ainda cabe ressaltar que os personagens do romance foram inseridos em um determinado espaço. Como já é sabido, o referido local é um antigo manicômio. Um lugar que não foi escolhido por acaso e sim foi apresentado como tendo as melhores condições para abrigar os infectados do súbito mal branco. Um ambiente todo murado e que continha duas alas, uma para os cegos e a outra aos possíveis contagiados.

Todavia, esse espaço em que as autoridades governamentais colocaram em quarentena os cidadãos infectados acabou virando um local de segregação, pois excluiu essas pessoas da vida em sociedade, sem mencionar, que o referido lugar também estava se tornando uma espécie de aglomeração humana, totalmente lotado e sem espaço, e que os representantes políticos continuavam a insistir em inserir mais gente, mesmo sabendo que não cabia mais ninguém no antigo manicômio.

O manicômio nessa obra, possui um caráter metafórico, tendo em vista a dimensão alegórica do romance, também considerado uma estratégia discursiva utilizada por Saramago. Conforme Andrade (2008, p. 58), no caso da alegoria, há a movimentação de um conceito que

remete a outras visões sobre o mesmo objeto. Ao olhar para o espaço do manicômio, esse não será apenas um local de confinamento, mas também um lugar inóspito e abandonado, de ordem e de desordem. Segundo essa autora (2008), por meio da imagem do manicômio pode se gerar conceitos e visões plurais, sem mencionar, que ainda podem ser gerados conceitos controversos que podem ser muito bem construídos, desconstruídos e reconstruídos ao longo da narrativa.

No romance de Saramago também é possível perceber que para estruturar e organizar a narrativa, torna-se necessário entender o que seria a composição. A composição é o “[...]modo como as partes[...] se elaboram e se concatenam em função de uma certa organicidade[...]” (CONFORTIN & REALES, 2008, p.90).

Para haver organicidade no episódio do romance em questão, o narrador utiliza-se da composição fechada, visto que há uma “[...] intriga encadeada, equilibrada e organizada de forma lógica no sentido da realização de um momento conclusivo irreversível, também chamado desenlace[...]” (CONFORTIN & REALES, 2008, p.91)

Assim, a composição do episódio é conduzida desde quando os três primeiros cegos da primeira camarata chegam ao mesmo tempo para contar aos seus companheiros que foram impedidos de trazerem a comida (a alteração do estado inicial das coisas) até os eventos sucessivos de reivindicação e de submissão às ordens do líder da terceira camarata (demarcação do estado das coisas no desenlace).

O referido episódio é estruturado e organizado em uma sequência fundamental: a da clausura, que retrata todo isolamento dos cegos em um antigo manicômio. Nesta sequência, os cidadãos são privados de direitos básicos, como saneamento, saúde, e seguridade social. Ao passar por essas privações, alguns cegos começaram a acreditar que somente por meio do uso da força e da violência seriam capazes de assegurar seus direitos.

Um modo de pensar que acabou se tornando justificativa para trazer à tona o cenário de uma sociedade de consumo, evidenciando que os bens disponíveis somente serviam para satisfazer a demanda da geração de lucro. Tanto que a comida começou a ser utilizada como instrumento de poder.

Então pode ser observado que, a partir do momento em que a comida é transformada em propriedade privada, ocorre o desenlace (momento conclusivo irreversível), visto que para que os cegos tanto da primeira como da segunda camarata pudessem comer, teriam que seguir agora a nova ordem vigente, ou seja, pagar taxas pelo alimento consumido.

Inconformados com a situação os cegos da primeira camarata fizeram protestos, mas de nada adiantou, pois o líder/chefe da terceira camarata possuía uma arma de fogo e por meio da força mostrou quem de fato estava no comando da situação. Por essa razão, mesmo com a distribuição desigual da comida, um dos cegos da primeira camarata lembrou aos seus companheiros que seria melhor um pouco do que nada.

Considerando ainda que a referida obra é constituída por um “como se” e pelo “desnudamento da ficcionalidade como elemento desse como se”, nessa perspectiva, por meio da alegoria da cegueira, bem como pela alegoria do espaço do manicômio que já foi apresentado no ato de fingir da combinação, será analisado no romance/episódio o mundo em que esse texto está inserido, bem como sua relação com o mundo “real”.

No romance de Saramago a partir da alegoria da cegueira branca é observado esse estabelecimento de um mundo no texto, bem como a relação desse mundo com o “mundo real”. A alegoria da cegueira branca de acordo com Andrade (2008) em um primeiro momento, parece nos apontar exclusivamente para a morte (a cor branca em algumas sociedades, tal como a oriental é considerada a cor da morte e do luto). No entanto, os personagens, de certa maneira, experimentaram a cegueira como um rito de passagem, embora eles não tenham percebido isto enquanto cegos.

Saramago ao utilizar a referida cegueira branca em seu romance procurou fazer com que os leitores refletissem acerca de seu verdadeiro papel dentro de uma sociedade de consumo. A partir da cegueira branca, o autor buscou evidenciar que o ser humano necessita reavaliar valores e conceitos ou pelo menos tentar adquirir um olhar humanizador, isto é, enxergar, ou melhor, reparar e se solidarizar diante do sofrimento do outro.

No romance, tal reflexão é evidenciada quando o escritor reporta-se para o personagem do médico e de sua esposa. Ao recuperar a sua visão, o oftalmologista pergunta para a mulher o porquê de tal cegueira ter acontecido. A mulher disse que a razão ao certo não sabe, contudo, ela acredita que de fato a humanidade nunca cegou, mas sim, sempre esteve cega, a partir do instante que não percebeu que todos somos cegos, cegos que veem, cegos que, vendo, fingem ou até mesmo não querem ver.

Nessa perspectiva, Andrade (2008) afirma que os seres humanos não enxergam o que existe, mas apenas o que desejam ver. Segundo a autora (2008) no contexto do romance, o padecer é de uma cegueira voluntária, pois essa é aceita por ser conveniente. Assim, “ter olhos” torna-se sinônimo de “ousar ver”.

No episódio que foi selecionado para análise, essa cegueira tida como conveniente, pode ser verificada quando o líder dos cegos malvados, em prol de uma lógica capitalista, “cega”, ou seja, deseja a todo custo sair das condições indignas de sujeira e abandono a que foi submetido na terceira camarata.

Ao ser alojado nessa camarata tanto o líder como seus subalternos começam a acreditar que somente por meio do uso da força e da violência seriam capazes de assegurar seus direitos. Uma forma de pensar que acabou contribuindo para transformar o próprio meio de subsistência, a comida, em mera mercadoria a ser vendida.

Esse meio de subsistência, acaba integrando o que se conhece por desnudamento da ficção como elemento do “como se”. Segundo Iser (2002, p.973) o desnudamento da ficção acontece justamente pelo reconhecimento do fingir em que o mundo organizado no texto é transformado em um “como se”. Nesse “como se”, pôr entre parênteses indica que todos os critérios naturais quanto ao mundo que é representado estarão suspensos. Nessa acepção, o pôr entre parênteses implica que o mundo posto seria um objeto de encenação. Contudo, apesar de não ser o mundo real, deve ser considerado como se o fosse.

Nessa perspectiva, quando a comida é transformada em mecanismo gerador de lucro, o mundo trazido para o romance é o de uma sociedade de consumo, que, igualmente à do “mundo real”, possui bens disponíveis/produtos para ser adquiridos. No caso da obra de Saramago, especificamente, no episódio em questão, a comida seria esse produto, ou melhor, o instrumento de poder utilizado pelos cegos malvados para obter “seu ganha pão” das demais camaratas. De acordo com Felczak (2015), os seres humanos estão inseridos em mundo no qual prevalece o discurso consumista. Para o autor (2015), nesse mundo, as pessoas não se questionam a respeito do que acontece em sua volta, e o consumo acaba surgindo como uma resposta para a ansiedade dos indivíduos.

Desse modo, acredita-se, conforme Eco (1994), que numa obra de ficção as referências do mundo real se encontram fortemente ligadas ao mundo ficcional. Sendo assim, igualmente ao “mundo real”, no romance, especificamente, no episódio selecionado, irá prevalecer esse discurso consumista, visto que da mesma maneira que corriqueiramente as pessoas vão ao supermercado comprar alimentos mediante pagamento, os cegos do romance também teriam que pagar pelo alimento consumido. Conforme as palavras proferidas pelos próprios cegos malvados, afirma-se que “[...] isso acabou, a partir de hoje quem quiser comer terá de pagar[...]” (SARAMAGO, 1995, p. 138).

Ainda verifica-se, quanto ao desnudamento da ficção, que esse é constituído por outros elementos que dão um caráter de afirmação para a ficcionalidade do texto. Eco (1994) considera que são inúmeras as razões para que uma obra ficcional seja projetada na realidade. Dentre essas razões, o autor (1994) menciona a questão que acredita ser muito mais importante, a “[...] tendência a construir a vida como um romance[...]” (ECO, 1994, p.135). Conforme Eco (1994, p. 136), nosso relacionamento perceptual com o mundo funciona pelo fato de confiarmos em histórias anteriores.

No romance de Saramago, evidencia-se tal relacionamento ao verificar que as pessoas, por exemplo, não poderiam perceber uma “cegueira” se não soubessem que a mesma se dá pela perda da visão. Uma certeza que nos permite diferenciar uma cegueira tida como convencional dessa que na referida obra é intitulada de branca. E aceitamos isto, pois de acordo com Eco (1994), reconstituímos o universo do texto porque ele possui uma espécie de coesão interna, que nos permite decidir se determinada descrição faz parte de um mundo real ou ficcional.

Referentemenete à alegoria do espaço do manicômio, Andrade (2008), menciona que esta funciona como uma espécie de vitrine em que pode-se encontrar tudo aquilo que faz do homem um ser agressivo, violento e melancólico. Sendo assim, nesse local tem-se um espetáculo no qual se evidencia o mundo da desigualdade e do sofrimento.

Conforme a referida autora (2008), esse mundo é composto por microestruturas da marginalidade em seus requintes, com suas divisões em camaratas: zona dos cegos malvados, zona dos primeiros cegos e zonas dos cegos sem organização. Tal divisão torna-se relativa em decorrência da geografia da barbárie, a qual reagrupa os indivíduos segundo leis próprias.

De acordo com Andrade (2008) por um lado há um agrupamento por aproximação ideológica, e por outro, gera-se um mecanismo de exclusão a partir do momento em que os cegos malvados decidem controlar o espaço, demarcando limite para a circulação. Contudo, mesmo com a cegueira ultrapassando todas as fronteiras, diluindo os contornos e embaralhando as linhas demarcatórias, surge uma nova territorialidade que é instituída pelo poder das armas.

No episódio que foi selecionado para análise isto é observado quando o líder dos cegos malvados, com a pistola na mão, afirma que ele, juntamente com seus seguidores, irá governar a comida, advertindo ainda para ninguém pensar em buscar a comida do lado de fora, pois eles tinham guardas nas estradas e quem não obedecesse a suas ordens sofreria as consequências.

Portanto, a realização da análise do referido episódio/romance, possibilitou a aplicação dos conceitos de seleção, combinação, “como se” e “desnudamento da ficcionalidade” propostos por Iser (2002) e teve como finalidade propiciar aos leitores por meio de tais pressupostos

teóricos uma leitura acerca da construção da dimensão ficcional que se fizeram presentes na materialidade supracitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou a análise de um episódio do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995, p. 137-148), de José Saramago, sobre o modo como a comida passou a ser utilizada como instrumento de poder nas mãos dos detentores do capital.

Nessa análise se objetivou discutir a construção da dimensão ficcional, observando o sentido geral da ficcionalidade no romance/episódio. Nesse sentido, foi necessário trabalhar com o conceito de seleção, combinação, “como se” e “desnudamento” conjuntamente com os demais referenciais teóricos que constituíram o trabalho.

A partir dessa proposta de leitura é possível fazer com que os leitores tenham interesse em fazer estudos sobre o referido episódio do romance de Saramago em conjunto com tais teorias. Um episódio que possui infinitas possibilidades de leitura, e justamente por essa razão a pesquisa científica se faz necessária, como uma ferramenta de contribuição para que o(a) graduando(a) possa desenvolver a sua própria linha de ação e dessa maneira ser atuante tanto no mundo acadêmico, como também fora do âmbito institucional.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia e S.Paulo, Ed.da Universidade de S.Paulo, 1979.

ANDRADE, Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva. **Olhar em terra de cego: a visualidade em ensaio sobre a cegueira**. – Natal, RN, 2008. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/KalinaARPA.pdf>.

ANGELIM, Juliana de Kássia de Oliveira; OLIVEIRA, Fernando Henrique Gomes; STEINBRENNER, Rosane Maria Albino; TRINDADE, Raquel Sales; VIANA, Wanessa Alexandrino. **Conta Mais sobre a história do rádio no Brasil**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/conta-mais-sobre-a-historia-do-radio-no-brasil>.

CONFORTIN, Rogério de Souza; REALES, Liliana. **Introdução aos estudos da narrativa**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

ECO, Humberto. Protocolos ficcionais. *In: Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 123-147.

FELCZAK, Eliton Fernando. **A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo**. Publicado em março-abril de 2015. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/a-modernidade-liquida-e-a-vida-humana-transformada-em-objeto-de-consumo/>.

FRANCISQUINI, **Manicômios**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/767508>

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. *In: LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-985.

MELO, Victor Andrade de. **O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908)**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008. Disponível em: <http://cevs.org.br/arquivo/biblioteca/3004483.pdf>.

MENEGUEL, Y. P. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>. Acesso em: 14 Maio. de 2018.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Adriana Gonçalves da. **O olhar desencantado em Ensaio sobre a cegueira de José Saramago**. Viçosa – MG, 2011. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4841/texto%20completo.pdf?sequence=1>.

Recebido em: 01/11/2018

Aprovado em: 25/11/2018

Publicado em: 10/12/2018